



VILLA D'AMARANTE.

PORTUGAL.

XXI.

O TAMEGA E AMARANTE.

NASCE o rio Tamega em Galiza, na serra de S. Mamede, de um manancial chamado Tamicelas, e baixando para o estreito valle de Laça, prosegue por outro mais largo e fertil, o de Monterrey, atravessa a fronteira dos dois reinos peninsulares a legua

FEVEREIRO 4 — 1843.

e meia de Chaves, e entre esta villa e o seu arrabalde da Magdalena tem uma famosa e bem edificada ponte, que levantaram os romanos. — O rio corta obliquamente a serra do Marão, levando copia d'aguas comparavel ao Lima; de Chaves caminha para sudoeste por entre as fragosidades daquellas asperas montanhas, das quaes recebe muitos e abundantes ribeiros, como são o Beça e o Basto. Ainda que corre em leito apertado em rasão da elevação de suas margens, tem entre ellas deliciosos

2.^a SERIE — VOL. II.

valles, que produzem muito vinho verde, milho, centeio, linho, e legumes, e nas quebradas proximas ha soutos, que dão fartura de castanhas. As aguas do Tamega criam peixe miudo de pouca monta, mas a ellas sobem, provenientes do Douro, os saveis, lampreas e mugeus, que fornecem em certas estações saborosa pescaria. Vem metter-se no Douro no sitio a que chamam Entre-ambos-rios, duas leguas abaixo da villa cujo prospecto offerece a precedente estampa.

Amarante, terra de mui remota fundação, occupa a margem direita do rio, que acabámos de descrever, sobre o qual tem uma ponte fabricada com muita solidez, e da cabeça desta começa a villa, que se póde dizer constar de uma rua geral, tortuosa, e de plano inclinado, a que vem dar algumas travessas; correndo de nascente a poente, com a igreja de S. Pedro ao meio da subida, e pouco acima a casa da municipalidade: no mais alto tem seu assento a casa da Misericordia. Ao norte ha a rua de Guimarães, estrada para essa villa: ao poente, tambem costa acima, segue a rua do Porto, estrada para esta cidade. Possuia muitos edificios nobres, a maior parte dos quaes foram incendiados pelos francezes na invasão de 1809; e na sua proximidade, para todos os lados ainda era superior o numero de notaveis e deleitosas quintas, pertencentes a familias mui conhecidas, assim da córte, como das provincias. Amarante é uma posição militar importantissima, ao norte do reino, e por esta circumstancia tem sido theatro de repetidos e porfiados combates, cujas consequencias immediatas são sempre a devastação das propriedades, quer urbanas, quer rusticas. — Apesar da situação eminente em que se acha, como por outra parte é sobranceira ao frondoso valle do Tamega, não deixa de ser aprazivel residencia, e agradaveis os seus contornos. Dista de Guimarães sinco leguas a sueste; e porque tambem apenas fica a uma legua da serra do Marão, é muito provavel que, por esta situação topographica na estrada principal do Porto para Traz-os-montes, sendo encontrada pouco antes daquella escarpada serra, lhe pozesse a antiguidade o nome d' *Antemoranam*, que se corromperia depois em Amarante. No campo das conjecturas, sobre etymologias quasi sempre incertas, temos esta por mui crível, não obstante a derivarem os nossos antigos geographos do nome de um caudillo romano, *Amarantus Senecionis*, cuja sepultura se achára no hospital de S. Marcos da cidade do Braga. Tambem os mesmos auctores escreveram que fóra originariamente povoada pelos turdetanos da Lusitania, 360 annos antes de Jesu Christo; que os romanos a reformaram e augmentaram; que os barbaros enxames das tribus do septentrião, destruidores do imperio dos Cesares, a devastaram tão completamente que della não havia vestigio em 1250. Por estes annos S. Gonçalo, dito de Amarante para distincção de outro St.º o agustiniano S. Gonçalo de Lagos, á volta da viagem aos santos logares, veio habitar uma capellinha que ou achou desamparada, ou erigiu desde os fundamentos, sita n'um outeiro, que campeava sobre o Tamega: á sua caridade e amor do bém publico é fama que foi devida a primeira ponte que se lançou sobre o rio nesta paragem: aqui falleceu o servo de Deus, e a concorrência dos fieis a visitar o seu sepulchro deu origem á creação do povo hoje conhecido pelo nome de villa de Amarante. Tem esta uma unica freguezia, da invocação de S. Gonçalo, erecta no

templo do convento dominicano, mandado levantar por elrei D. João 3.º e seus successores: era esta casa religiosa uma das melhores que no reino possuia a ordem de S. Domingos, com dois claustros espaçosos, chafariz d'agua perenne, grande dormitorio lateral ao rio, e dilatada cerca.

Amarante, antes das recentes divisões judiciaria e administrativa, tinha juiz de fóra, e um termo, o mais diminuto de todo o reino, e por maneira tal que sómente na rua, que serve de transitio aos que frequentam as estradas do Porto e Minho para Traz-os-montes e Beira, havia tres jurisdicções civis, tres ecclesiasticas, tres foraes, e tres pelourinhos. É actualmente cabeça de comarca, a qual se compõe dos concelhos, de Amarante calculado em 4:199 fogos, e de St.ª Cruz de riba-Tamega com 3:598 ditos.

Illustra-se esta villa por ter dado o nascimento a João Pinto Ribeiro, pessoa mui principal da famosa e feliz restauração de 1640, que deu a estes reinos monarcha legitimo e natural, acclamando o Sr. D. João 4.º, e collocando no throno a dynastia bragantina. Foi tambem berço do poeta jovial e satyrico, Paulino Cabral de Vasconcellos, mais conhecido por abbade de Jazente. — Antonio de Sousa de Macedo descendeu de uma familia de Amarante, mas, postoque o P.º Luiz Cardoso o faça natural desta villa, veio ao mundo na cidade do Porto, como fica relatado na breve biographia de tão insigne varão, a pag. 343 do antecedente volume.

O OUVIDO.

O LOGAR do orgão da audição tanto no homem, como nos outros animaes, é na cabeça. — A unica parte visivel deste orgão é o pavilhão, ao qual vulgarmente chamam orelha, e que apresenta na sua forma condições muito favoraveis para modificar os sons; segundo parece todas as partes, de que se compõem estes orgãos, offerecem estas condições, umas em maior numero e outras em menor. O pavilhão em muitos animaes é uma verdadeira corneta acustica, como por exemplo no cavallo, e susceptivel de se mover em diferentes sentidos. — O pavilhão concentra as ondas sonoras no canal auditivo, o qual introduzindo-se na cabeça, até um certo ponto, é terminado obliquamente pelo tympano que é uma membrana delgada, móvel e elastica, que serve para fechar uma cavidade ossea chamada a caixa do tympano; a caixa do tympano tem um orificio que está em communicação com a boca por meio de um canal chamado a trompa d'Eustachio; e serve esta communicação para que renovando-se o ar, a pressão atmospherica seja sempre a mesma. A caixa do tympano ainda tem outras duas aberturas, uma em cima chamada a janella oval, outra mais em baixo chamada a janella redonda; n'estes dois orificios ha musculos, a que está presa a cadêa dos ossos suspensa no interior da caixa: esta cadêa é composta de quatro ossos, chamados, — o martello — a bigorna — o lenticular, e o estribo; tem estes nomes, em consequência da semelhança que appresenta a sua forma com a destes objectos — julga-se geralmente que esta cadêa serve para modificar as sensações muito violentas que o orgão pudesse sentir: basta distende-la muito e á membrana do tympano, para produzir este effeito — ha pessoas que pertendem ter esta faculdade a ponto de se fazerem surdas quando que-

rem. — O pavilhão — o canal auditivo — a membrana do tympano — a caixa ossea, a cadêa dos ossos e a trompa de Eustachio formam o que se chama ouvido externo. O ouvido interno é composto de um canal osseo em spiral, chamado o caracol, preso por uma das suas extremidades á membrana da janella redonda, e a outra extremidade abre-se em uma cavidade, chamada o vestibulo, esta cavidade está detraz da janella oval. O vestibulo communica com tres canaes semi-circulares de natureza ossea, cheios de uma materia parda de que se não conhece o uso. — Os ultimos ramos do nervo acustico mergulham em um liquido transparente que enche as spiras do caracol.

Parece que as vibrações sonoras concentrando-se no pavilhão ferem a membrana do tympano, reproduzindo-se na cavidade ossea, como na caixa d'um tambor.

O modo por que a sensação do som se transmite ao nervo acustico é um segredo da natureza que não sabemos que se haja ainda descoberto.

Sabe-se que a membrana do tympano póde romper-se, ou perfurar-se, sem que a audição deixe de ter logar, tanto que ha pessoas que fumam e deixam sahir pelo ouvido o fumo que aspiram, sem que sejam atacados de surdez; e comtudo é mister que o fumo, introduzido pela trompa de Eustachio na membrana do tympano, saia por uma fenda feita nessa membrana. — A perfuração do tympano é até uma operação cirurgica, praticada com vantagem para a cura de alguns casos de surdez. — Os tres primeiros ossos da cadêa de que fallamos tambem parecem desnecessarios á audição; pois julga-se que não é alterada pela queda de nenhum delles; confessámos que não seguimos rigorosamente esta opinião porque nos parece mais physiologico suppor que deve resultar alguma alteração no *ouvir*, pela falta d'um ou d'outro destes tres ossos, e esta opinião póde ainda fundar-se no facto, em que geralmente se concorda, de que a queda do estribo, que é o quarto osso, causa a surdez.

Os esforços dos physiologistas tem sido baldados para explicar o mechanismo da audição — o orgão do ouvido é destinado a recolher os sons, e transmittir as sensações ao nervo acustico; eis as poucas palavras em que se podem resumir muitos dos livros, que ácerca deste assumpto estão escriptos.

O sentido do ouvir appresenta, entre outras, uma circumstancia digna de attenção, e é o seu desenvolvimento antecipado nos fetos; pois este sentido começa a exercer-se logo depois da nascença. Do mesmo modo que os outros sentidos, ou talvez mais do que elles, é susceptivel de educação.

Os selvagens ouvem melhor do que os povos civilisados; tem-se visto selvagens, nas florestas da America do sul, encostarem o ouvido á terra, e perceber o numero e a direcção dos seus inimigos, estando estes a grande distancia. O orgão do ouvido é sujeito a muitas doenças, que occasionam a surdez, esta quando é completa traz consigo gravissimos inconvenientes; e sendo em idade avançada altera-se a voz de modo que se chega a fallar muito baixo ou confusamente.

A perda do *ouvir* será ou não recompensada de algum modo pelo aperfeiçoamento de outro sentido? — Eis uma questão em que por ora não podêmos em consciencia appresentar o nosso parecer. — As questões que parecem menos interessantes são as que muitas vezes custam mais a resolver.

S. J. Ribeiro de Sá.

O CEGO PEREGRINO.

Rimance. (*)

I

— «A porta, menina, abri
A um triste peregrino,
Cégo, cançado, e com fome,
Que perdeu de noite o tino:
Que por bando de malvados
Foi na estrada investido,
De seu haver esbulhado,
De agudo ferro ferido.
Prestes, ó linda menina,
Ao desvalido accudi;
Soccorrei-o, senão morre;
A porta, menina, abri.» —
— «Não dei causa a tuas queixas,
De teu damno não me importa:
Como és desconhecido,
Não te abro a minha porta:
Acordai, ó minha mãe,
Deixai já tanto dormir:
Não ouvis lá fóra o cégo
Com seu estranho pedir?» —
— «Se elle pede, ó minha filha,
Da-lhe pão e gasalhado;
Não negues comida, e lume
A um pobre desgraçado.» —
A donzella a porta abre,
Bem que seja a seu pezar;
Pressuroso o peregrino
Cruza alem do limiar;
São nobres seus ademanes,
É garboso o seu pizar;
Ninguem pobre lhe chamára
Se não visse o seu trajar:
Veste grosseiro burel,
De sandalhas vem calçado,
Por cordão de rijo esparto
O corpo traz apertado.
Cobre chapéu e cabeça
Té aos olhos o capuz,
Porque o rosto se não veja
Á claridade da luz.
— «Aguarda ahi, peregrino,
Que o pão e vinho te dou,
Faxa que o sangue te véde
Com presteza apromptar vou.» —
— «Não vás, formosa donzella,
Tamanha fadiga ter,
Fome e sêde já não tenho,
Nem sinto o sangue correr.» —
— «Se não tens fome, nem sêde,
E o sangue já te parou,
O teu caminho prosegue,
Que a descançar eu me vou.» —
— «Não darei com o caminho,
Que não sei e que é ruim;
E depois que sou comtigo
Té mesmo não sei de mim.

(*) João de Barros dá este nome ás trovas populares antigas, persuadido talvez de que provém das *rimas* ou *consoantes*: *romance* deriva da lingua romaã ou dos trovadores provençaes. — Funda-se a nossa breve composição nas antigas trovas do *cégo*, que principiam.

Abri essa porta,
Fechai o postigo,
Botai cá um lenço,
Que eu venho ferido, &c.

Bondosa, linda donzella,
 Guiai o triste ceguinho,
 Até fóra da clareira,
 Pelo direito caminho.» —
 — «Espr'ares sob este colmo
 A manhaã melhor seria;
 Nado o sol, de boamente
 A estrada te ensinaria.» —
 — «Péga na róca, ó filha,
 E na estriga de linho,
 Sabe o cego seus int'resses,
 Vai ensinar-lhe o caminho.» —
 A donzella inexperiente

Tal dito não agradou;
 Mas porque o disse a velha
 Obedeceu e callou.
 Em quanto o fuso procura,
 Os dois conversam á mão,
 De antigo conhecimento
 Indicios seguros dão.
 Deste colloquio breve
 A donzella nada ouviu;
 Innocente e sem suspeitas
 Tomou a roca e sabiu.

J. M. d'A. F.
 (Concluir-se-ha.)



COLOMBO CONFUNDE OS PRESUMPTUOSOS.

CHRISTOVÃO Colon, ou Colombo [como de ordinario escrevemos] ceava um dia de sociedade com varios pedantes: estes, que invejavam a gloria de tão insigne homem, quizeram provar-lhe que nada fóra facil como o descobrimento do Novo-Mundo. Colombo não respondeu, deixou proseguir a conversação, e quando achou opportuno ensejo perguntou sorrindo-se se algum dos circumstantes sabia a maneira de suster apumado um ovo em cima da meza, posto sobre uma das extremidades e sem cama ou encosto. Todos entraram a pôr de banda pratos e guardanapos, e tomando ovos lidavam de balde para os manter a pino, amparando-os com os dedos a ver se descobriam modo de que se tivessem direitos e sem tombar; por fim cansados de infructuosas diligencias protestaram que tal não podia conseguir-se. — «Agora o veremos,» — disse gravemente o illustre navegante; e batendo na meza

com uma extremidade do ovo, que tinha na mão, amolgou-a e fez que ficasse direito. — «Isso faz qualquer»: exclamaram a uma voz os concurrentes: porem Colombo limitou-se a notar-lhe que esta exclamação é a que se faz sempre depois dos grandes descobrimentos e das arduas emprezas, quando as difficuldades apparecem dissipadas pela força do talento.

Esta anecdota, que refere um historiador italiano, é popular em Hespanha, e ainda ninguem lhe negou authenticidade. — Guilherme Hogarth, celebre pintor do seculo passado, elegeu este assumpto para um painel de que é copia a gravura acima. Este ensaio, quer considerado como composição, quer como estudo do contraste das phisionomias, póde dar alguma idéa do engenho de seu auctor. Nada distrahe do objecto principal; a postura de cada uma personagem, os gestos, a expres-

são das feições, o movimento do corpo, tudo se dirige a Christovão Colombo. É impossível deter a vista em qualquer dos convidados, sem de certo modo nos virmos obrigados a fita-la inteiramente no centro da acção, até descansar com interesse na figura do protagonista: a phisionomia deste vê-se revestida de toda a dignidade que o genio do pintor podia imprimir-lhe; deixa entrever na serenidade do rosto a intenção de mostrar que a imaginação de Colombo não se deteve neste episodio mais que um passageiro instante, para em seguida se encaminhar a outras idéas mais sublimes, ou a mais gloriosas recordações. Por uma combinação feliz o interesse momentaneo vislumbra nas caras dos assistentes, e postoque de variadas expressões são estes accidentes de phisionomia adequados ás circumstancias, e vigoram o pensamento geral. — Na esquerda divisa-se um velho calvo, de fronte encrespada e cerrando os beiços por despeito; tratou de suster o ovo, mas sem chamar a attenção dos outros, como se deixa ver pela postura dos braços cruzados; tem fitado a attenção no rosto de Colombo, para quem olha desdenhoso, o que é bem de observar notando-se que está recostado e de cabeça alta disfarçando sentimentos d'inveja. É tambem por isso que o navegante de preferencia se dirige a elle e se compraz em pôr-lhe silencio. — No lado fronteiro ha um mancebo occupado na solução mechanica do problema: todo o corpo inclina para o ovo quebrado por Colombo, e não parece mui persuadido da moralidade da parabola; inculca que está para abrir a boca e proferir: — «Não senhor, não foi isso o que se propôz.» — Dos dois homens, entre os quaes está sentado Colombo, um de idade madura e cabeça descoberta ri ás gargalhadas, e sem malicia, dá subtileza com que Colombo aprumou o ovo; mas já não é o mesmo o riso tão expressivo do velho de oculos e barrete que parece captivado da perspicacia de Colombo, e nada participar do odio do que lhe visinha. Quanto á quinta personagem que dá punhadas em si, entregando-se a um rir sem acabar, pôde suppor-se que applica toda a sua attenção á scena muda, que se passa entre Colombo e o primeiro velho, e que diz lá comsigo: — «por todos os santos e santas! que o basbaque ficou burlado e não sabe que resposta dê.» —

O BOBO.

1128.

III

O SARAU.

O ASPECTO do burgo de Guimarães indicaria tudo, menos um desses raros periodos de paz e repouso; de festas e pompas civis e religiosas, que, semelhantes aos raios do sol por entre nuvens humidas de noroeste, alegravam a terra, sorrindo a espaços no meio das tempestades politicas que varriam, naquella epocha, o solo ensanguentado da Peninsula. Como se houvera alargado um braço até então pendente, o castello roqueiro tinha estendido do ângulo esquerdo da torre do miradouro uma comprida couraça de vigas e entulho que vinha morrer em um cubello na orla exterior do burgo. Depois, da extremidade daquella muralha inclinada, do outro para o valle, corria a um e outro lado do ba-

luarte uma tranqueira de pouca altura, donde facilmente bésteiros e frecheiros poderiam despejar a salvo seu armazem em quaesquer inimigos que commettessem a povoação. O cubello era como o punho cerrado do disforme braço que sahia da torre alvarran, e a tranqueira como uma faixa com a qual o desmesurado gigante de pedra parecia tentar unir a si o burgo apinhado lá embaixo. Alem disto, o mosteiro de D. Mumadona, postoque velho e fraco, tambem parecia animado d'espírito guerreiro; porque as ameias que corçavam o terrado do campanario, pouco antes tombadas em grande parte e cubertas de hervas e musgo, estavam limpas e gateadas de novo nos seus logares, ao passo que por entre ellas se divisava uma grossa manganella assentada no meio do eirado em disposição de arrojear pedras para a campanha, que se dilatava diante do formidavel engenho.

Todavia estas evidentes cautellas e precauções militares desdiziam bastantemente do que se passava no castello. Era pela volta das dez horas d'uma noite calmosa de junho. A lua-cheia batia de chapa nas muralhas esbranquiçadas, as sombras das torres macissas listravam d'alto a baixo as paredes dos paços interiores de faixas negras sobre a pallida silharia de marmore, tornando-a semelhante ao dorso da zebra selvagem. Contrastavam, porem, a melancholia e silencio deste espectaculo nocturno as torrentes de luz avermelhada jorrando por entre os maineis que sustinham ao meio das altas e esguias janellas as bandeiras e laçarias de pedra. Estes maineis e bandeiras, formando flores e arabescos, recortavam de mil modos aquelles vãos afogueados e brilhantes, rotos a travez das listas alvacentas e negras, de que a lua arraiava a frente do soberbo edificio. Na penumbra do extenso pateo que corria entre as muralhas e a frontaria do paço, branquejavam os saios dos cavalleriços (*) que tinham de redea as mullas de corpo dos senhores, e ricos-homens; scintillavam os freios de ferro pulido e as sellas á mourisca, tauxiadas de ouro e prata; ouvia-se o patear dos animaes e o sussurro dos servos conversando e rindo em tom sumido. Mas era lá em cima, nas salas esplendidas, que se viam passar rapidos como sombras os vultos de damas e cavalleiros arrebatados no turbilhão das danças; lá soavam as melodias das citulas, das harpas, das doçainas, por entre as quaes rompiam os sons vividos das charamellas, o estrepito das trombetas, o rebombo dos tímpanos; e quando aquellas toadas afrouxavam e morriam em sussurrar confuso, retinia uma voz aspera e aguda que vibrava no meio daquelle ruido de festa. Então fazia-se um profundo silencio, que não tardava a ser partido por gritos e risadas estrondosas, que restrugiam pelas abobadas, cruzavam-se e confundiam-se repercutidas em borbórinho infernal. Via-se claramente que a embriaguez da alegria havia chegado ao extremo auge do delirio, e que dahi avante não podia se-

(*) Os cavalleriços eram os servos que tratavam dos ginetes e cavalgaduras dos nobres. Dizemos o que eram porque delles não se faz menção alguma no Elucidario, e levissima em Ducange verbo: *Caballarius*. Vê-se, porem, em que consistia este cargo servil d'um instrumento d'ingenuidade de 1033 [Collec. de var. privileg. T. 5.º Doc. 3.º] Fique dito por uma vez que todos os nomes que empregamos, scenas que descrevemos, costumes que pintamos, são rigorosamente historicos. Facil nos fôra sumir este romance em um pelago de citações; mas falece-nos a furia da erudição. E não seria ella ridicula no hamilde historiador d'um humilissimo truão?

não decrescer. O tédio e o cansaço não tardaria a separar aquella companhia lustrosa, que parecia esquecer nos braços do delcete que tudo ao redor della, no castello e no burgo, annunciava as tristezas da guerra e os riscos dos combates.

De feito, já nos reaes aposentos da bella infanta de Portugal muitos dos ricos-homens e infanções, apinhados aos cinco e seis, aqui e acolá, ou encostados aos balcões da sala d'armas, começavam a fallar com viva agitação dos successos do tempo. As donzellas iam assentar-se nas almadraxas enfileiradas junto da parede no topo da sala, onde se erguia, cousa de um pé acima do pavimento, o vasto estrado da infanta. Esta, na sua cadeira d'espaldas, escutava Fernão Perez, que firmando a mão no braço da cadeira, e curvado para ella por detrás do espaldar, com aspecto carregado, parecia dirigir-lhe de quando em quando palavras breves e vehementes, a que D. Thereza, que não sahira do seu logar desde o começar do saráu, respondia muitas vezes com monosyllabos, ou com um volver d'olhos em que se pintava a angustia, desmentindo o sorriso forçado que, frouxo e passageiro, lhe adejava nos labios.

Junto ao topo do estrado, do lado esquerdo da infanta, um joven cavalleiro em pé fallava tambem em voz baixa com uma formosa donzella, que, reclinada na ultima almadraxa, respondia entre risadas aos ditos do outro interlocutor. E todavia no gesto do cavalleiro, na vivacidade das suas expressões, no seu olhar ardente se revelava que as respostas alegres da donzella desdiziam das palavras apaixonadas do mancebo, cujo aspecto se entristecia visivelmente com aquella alegria intempestiva e cruel.

Ao pé de uma das columnas de pedra, que subindo ao tecto se dividiam como os troncos de um platanó em artezões de castanho, os quaes morrendo nos vertices das ogivas em bocetes dourados pareciam sustentar o renque de lampadarios gigantes pendentes da escura profundeza daquellas voltas; — ao pé d'uma destas columnas, no lado opposto da sala, tres personagens fallavam tambem havia largo tempo, sem fazerem caso do tanger dos menestres, do doudejar das danças, do sussurrar confuso que redemoinhava em volta delles. Era a sua conversação de genero diverso das duas que já descrevemos. Aqui os tres individuos pareciam tomar todos vivo interesse no objecto de que se occupavam, ainda que de modo differente. Um delles, alto, magro, trigueiro e calvo, porem não de velhice, porque era homem de quarenta annos, trajava um saio negro, comprido, e apertado pela cintura com uma larga faixa da mesma cor, vestuario proprio do clero daquelle tempo: o outro, ancião veneravel, tinha vestida uma cogulla monastica, igualmente negra, segundo a usança dos monges bentos; o terceiro finalmente, o mais moço dos tres, era um cavalleiro que mostrava ter pouco mais de trinta annos, membrudo, alvo, cabellos annelados e louros — um verdadeiro nobre da raça germanica dos visigodos. O clérigo calvo, com os olhos quasi sempre fitos no chão, só os punha de relance naquelle dos dois que fallava; mas este olhar incerto e sorrateiro bastava para descobrir nelle uma indifferença hypocrita e uma curiosidade real. No rosto do velho pintava-se profunda attenção, principalmente ás palavras do mancebo, as quaes energicas, vehementes, e rapidas, davam testemunho das vivas commoções que agitavam a sua alma.

Dos tres grupos em que no meio de tantos outros fizemos principalmente reparar o leitor, já elle conhece as personagens do primeiro — a viuva do conde Henrique, e Fernando Perez de Trava. Para clareza desta importante historia necessario é que lhe digamos quem eram os que compunham os outros dois, e lhe expliquemos os porquês da situação respectiva de cada um desses individuos.

Entre as donzellas da infanta-rainha uma havia em que ella, mais que em nenhuma outra, tinha posto as suas affeições e complacencias; e com razão: — creára-a de pequenina. Dulce era filha de D. Gomes Nunez de Bravaes, rico-homem, que morrera na rota de Vatalandi combatendo como esforçado a par do conde borgonhez. Expirando o nobre cavalleiro encomendou sua filha orphã á protecção do conde. Este não se esqueceu da supplica do guerreiro moribundo; trouxe-a para seus paços, e entregou-a a sua mulher. Nos tenros annos, Dulce promettia ser formosa, e, o que não era de menos valor, de um character nobre e energico e ao mesmo tempo meigo e bondoso. Pouco a pouco D. Thereza lhe ganhou amor de mãe. Até os vinte annos, que já Dulce contava, este amor não afrouxára, nem no meio dos graves cuidados que cercaram a infanta nos primeiros tempos da sua viuvez, nem com a louca affeição do conde Fernão Perez. As esperanças que a donzella dera se haviam inteiramente realisado. Dulce era um anjo de bondade e de formosura.

Mas este anjo innocente, rodeado de carinhos das mais nobres damas, das adorações dos mais illustres cavalleiros da cõrte, parecia ter cerrado inteiramente o coração ao amor. Verdade é que entre os mancebos, sempre attentos a indagar as inclinações das donzellas, tinham existido suspeitas de que esta indifferença e frieza era mais simulada que verdadeira. Elles haviam observado que os olhos de Dulce costumavam fitar-se com desusada complacencia n'um donzel, que bem como ella fóra creado na cõrte. Era este Egas Moniz Coelho, primo do ancião Egas Moniz, senhor de Cresconhe e Rezende, e aio do moço infante Affonso Henriquez. Pouco-differentes em idades, semelhantes em genio e character, e educados juntos, desde tenros annos, pelo respeitavel senhor da Honra de Cresconhe, os dois mancebos haviam contrahido amizade intima. Na mesma noite e na sé de Zamora tinham velado as armas. Como prova da sua independencia politica, D. Affonso tomára do altar a armadura e a si proprio se fizera cavalleiro. Das mãos d'elle recebeu depois o mesmo gráu, alvo da ambição de todos os mancebos nobres, o seu amigo da infancia; e o infante e Egas, até ahí irmãos pela affeição mutua, ficaram desde então mais unidos ainda pela fraternidade das armas.

As suspeitas dos moços cavalleiros tinham nascido pouco depois da vinda de D. Affonso e de Egas para a cõrte de Guimarães. Mas semelhantes suspeitas breve se desvaneceram. Inesperadamente Egas Moniz partiu para as guerras d'ultramar, ou, como hoje se diz, para a cruzada. Ninguem atinou com o motivo desta subita resolução. Todavia, se os amores com Dulce existiam realmente, era essa paixão quem o afastava della. Nascido com espirito ardente, trovador e guerreiro, Egas precisava de obter gloria, porque as almas poeticas daquelle tempo não comprehendiam o amor sem renome, nem talvez sem este o encontrariam no seio de nobre donzella, digna de sua affeição. A terra

santa era naquella epocha o campo mais fertil para os ceifadores de gloria: as reputações adquiridas na Palestina retumbavam por todo o orbe christão. Era o amor quem arrastava Egas para essa vida de riscos, privações e combates? Quem poderia dizelo? Ninguém sequer o pensou.

O que é certo é que depois da sua partida, Dulce pareceu mais triste que de costume. Porem, se eram saudades, ou essa alma energica soube esconder seu martyrio e devorar no silencio e na solidão da alta noite as suas lagrymas, ou as saudades se extinguiram no meio da vida risonha e distrahida da cõrte. O moço trovador tinha esquecido a todos: — pôde ser que tambem a ella.

Entretanto uma nuvem de cavalleiros a cercaram de adorações. Debalde! Só um esperava accender alguma faísca de amor neste coração gelado. Era Garcia Bermudez, cavalleiro aragonez, valido do conde de Trava, e uma das melhores lanças d'Hespanha, que com elle viera a Portugal. Dotado de generoso animo, mas sobradamente altivo, e confiado no proprio merito, Garcia Bermudez amava a donzella querida de D. Thereza, e esperava ser correspondido; porem no coração de Dulce achára um affecto que lá não quizera encontrar: — amor sim; mas amor d'irmã. Era elle quem no meio das festas obtinha todas as preferencias da filha adoptiva da infanta: a sua conversação a que mais lhe apprazia. Comtudo, quando no meio do ruido e alegria dos sarás, ou cavalgando no ginete possante e correndo ao lado do palafrem de Dulce pelas florestas e çarçaes, nas montarias e caçadas, elle buscava ensejo para proferir essas palavras vehementes que esculadas sem colera corream esperanças de muitos dias, e repellidas entenebrecem o futuro, e devoram uma existencia, Dulce esquivava sempre com um gracejo esse instante decisivo, e o aragonez apartando-se della amaldiçoava a hora em que a amára, para dahi a pouco imaginar novo ensejo em que podesse resolver por uma vez o seu incerto destino.

Dulce era a donzella, assentada na extrema almadaquexa do estrado; Garcia Bermudez, o cavalleiro com quem ella fallava e ria; e o que entre os dois se passava, uma repetição dessas scenas em que tantas vezes a destreza da mulher que não ama sabe triumphar cruelmente da mais terrivel entre as mais terriveis paixões, o amor do homem, recalçado no coração pela indifferença daquella a quem no abysmo do seu orgulho disse: — tu serás minha!

Dos tres personagens que, em pé no outro extremo do vasto aposento, pareciam alheios a tudo quanto passava em volta delles, embebidos em disputa violenta, um era o celebre Gonçalo Mendez da Maia, ao qual, em verdes annos, extremadas gentilezas d'armas tinham feito dar o appellido de Lidador, de que por toda a sua larga vida elle se havia de mostrar constantemente digno. Era o outro o capellão de D. Thereza, o muito honrado Martim Eicha, filho do mui excellente walid de Lamego, Eicha, que submettido pelo conde Henrique abraçára o christianismo (:): Seu filho, Martim Eicha, seguira o exemplo paterno, e como em todas as opiniões deste mundo os renegados são os mais fervorosos na sua nova crença, achára elle

em consciencia que para se mundificar das torpezas do islamismo devia abraçar a pura vida do sacerdocio. Conego da sé de Lamego, restaurada por Fernando o Magno, e que nesta epocha se achava unida á de Coimbra, o bom do tornadiço não pôde na santidade do seu ministerio riscar do espirito a lembrança profanissima de que nascera filho de um walid. Voavam-lhe os pensamentos altivos para os paços reaes, como á gata da fabulá fugiam as unhas para o murganho depois de transformada em mulher. Finalmente os seus desejos cumpriram-se. A bella infanta de Portugal chamou-o á cõrte, apenas della sabia desgostoso o arcebispo de Braga, cujo character austero mal-soffria os amores de Fernão Perez e de D. Thereza. Martim Eicha era o homem talhado para o caso. O seu Evangelho fôra, por assim dizer, escripto n'um palimpsesto do Koran, e as doutrinas do propheta, relativas á metade mais formosa do genero-humano, reverdeciam-lhe ás vezes atravez da severidade das sacras paginas e confundiam-se a seus olhos com ellas. Por esta causa, vinha o conego Martim Eicha a ser o capellão mais a ponto naquellas intrincadas circumstancias, em que os principios de theologia moral andavam em tanta harmonia com os costumes, como neste bemdito seculo decimonono as sãs doutrinas politicas andam conformes com a realidade dos factos.

Era, finalmente, a terceira pessoa daquella trindade argumentadora e disputante, o abbadé do mosteiro de D. Mumadona, velho folgazão mas honesto, que na meza dos banquetes despejava uma taça de vinho, e ainda um cangirão de cerveja, ou varria uma palangana de dobrada — iguaria mimosa desse tempo — com o mesmo fervor e devoto recolhimento com que na solidão da sua cella resava as horas canonicas, ou garganteava no cõro psalmos e antiphonas com os seus frades. Apesar dos beneficios que o acisterio de Guimarães recebera da infanta; apesar do gasalhado que encontrava no paço, o bom do velho torcia sem rebuço o nariz á tão intima privança do conde Fernão Perez com a rainha. Não porque desse ouvidos aos maldizentes, que ainda nas mais puras acções vertem a peçonha de seus estomagos damnados, mas porque não podia negar o credito ao que seus olhos viam, e a experiencia e rasão lhe ensinavam. Enxergava ao longe o crescer da tempestade que ameaçava assolar a terra de Portugal: víra nascer, engrossar, e rebentar como um volcão o odio entranhavel, accumulado por annos, entre o senhor de Trava e o moço Afonso Henriquez: víra dividir-se a fidalguia em dois bandos; e quando o infante, dois mezes antes da epocha da nossa historia, desapparecera dos paços de Guimarães, seguido de varios ricos-homens e cavalleiros da sua parcialidade, o bom do abbadé conhecêra que uma terribilissima lucta se ia travar entre a mãe e o filho, lucta desnatural e monstruosa, cujo desfeixo, fosse qual fosse, não podia deixar de gerar muitos crimes. A precipitação com que se fortificára o burgo, e as noticias vagas de que o infante se approximava de Guimarães com uma hoste numerosa, e acompanhado do arcebispo de Braga e dos seus homens d'armas, lhe punham ante os olhos, como imminentes e inevitaveis, as scenas tremendas que de longo tempo previra. O estado dos negocios publicos era o objecto de accessa prática dos tres; ou por nos servirmos de uma francezia da moda — elles faziam politica.

(:): Este successo, que refere Brandão sem o reprovár, labora em taes difficuldades que seria inadmissivel em historia; mas pôde, cremos nós, sem offensa das pias orelhas dos criticos, ter cabida na gravissima biographia do nosso Dom Bibas.

Era também o perigo que os ameaçava a ambos; era a nuvem procellosa que viam já no horizonte da sua vida, até ahí tão povoada de deleites, tão rica de esplendor e de predomínio, o pensamento que turbava a fronte do nobre Fernão Perez, e fazia gotejar pelas faces da bella infanta as lagrymas, que em vão ella tentava conter. Com olhos enxutos e animo de ferro, a filha de Affonso 6.º tinha vivido, durante dezeseis annos, quasi sempre nos campos de batalha, nos arraiaes junto aos castellos cercados, ou encerrada nestes defendendo-os. Com olhos enxutos e animo de ferro tinha visto varias vezes as rotas dos seus homens d'armas, tinha fugido com elles: assistira a muitas scenas de carnificina; ouvira muitas vezes, pela alta noite na tenda de guerra, gemidos de moribundos, e o uivo do lobo descendo das brenhas guiado pelo cheiro do sangue: havia apenas um anno que se víra constringida a curvar a cerviz á fortuna de seu sobrinho, o imperador Affonso Raimunde, mas nunca sentira coar-lhe pelas veias o terror ou o desalento: a sua alma era a de guerreiro, escondida debaixo das formas delicadas e suaves de mulher. Criam-no todos: cria-o ella. Mas o prestigio passou. A dura prova a que a pozera uma paixão desgraçada revelava emfim a fraqueza feminil. Até então no jogo dos combates apenas ariscára o vasto senhorio de Portugal; mas no que se lhe offerencia agora expunha o amante, expunha todo o futuro, toda a esperança e todos os contentamentos. Por isso as lagrymas da bella infanta corriam. Quem sabe se também entre estas alguma era por seu filho?

O saráu daquella noite fóra para ella um longo martyrio. O espectáculo do rir e folgar, o transluzir da alegria em tantos gestos, faziam-lhe mais carregada a negra nuvem da sua tristeza: era um tracto doloroso, cruel, dilatado; era como o preludio medonho de um cantico infernal; mas cumpria soffre-lo resignadamente. Dos cavalleiros portuguezes, que seguiam ainda a córte, muitos animos titubeavam indecisos entre o balsão do infante e o pendão da rainha de Portugal; e a hesitação ou o temor seria o signal para essa fidalguia brilhante passar ao campo contrario. Fernão Perez contava com os cavalleiros gallegos, asturianos e aragonezes, de que pouco a pouco se rodeára: mas seria isto bastante para o salvar e salvar a infanta? Eis o que era mais que duvidoso. Com a astucia de fingido desafogo e destemor elle tentava enganar os que vacillavam, e fazer-lhes crer, dançando na borda do abysmo, que facil lhe seria galga-lo.

Mas o senhor de Trava não se lembrava nos seus calculos politicos d'uma circumstancia que devia influir no resultado final delles. O grande pensamento do conde Henrique; o pensamento que o audaz borgonhez acariciára por tantos annos, e a que votára a existencia — a independencia do condado de Portugal — não mórreia com elle: germinou, alimentou-se, e cresceu nas guerras com os leonezes — guerras até certo ponto civis, em que D. Thereza proseguíra com tenacidade implacavel. As mais provincias da Hespanha gradualmente foram parecendo aos olhos dos cavalleiros portuguezes uma terra estrangeira, estranhos os filhos delias. Um sentimento de nacionalidade surgiu nos corações, vago e confuso, mas energico. E no meio dos seus graves cuidados e das suas previsões profundas, o conde de Trava se esquecera de que víra pela primeira vez o sol sob o céu da Galliza.

Se D. Thereza triumphasse, elle — o estrangeiro — seria o senhor da nobre e livre terra de Portugal. D. Affonso Henriquez, porem, nascera á quem do Minho. Assim, muitos daquelles que o ambicioso filho de Pedro Froylaz suppunha indecisos na vespera da grande lucta, eram já seus inimigos.

É o que o leitor melhor avaliará por si proprio se quizer escutar a conversação travada entre Gonçalo Mendez da Maia, o santo abbade do mosteiro de D. Mumadona, e o mui reverendo capellão da rainha. Não será grande o incommodo: basta-lhe lançar os olhos para o capitulo seguinte.

(A. Herculano.)

BOTANICA.

BOMBYCIO, OU SUMAOÚMA.

(Lin. *Bombax Pentandrum*.)

A ARVORE bombycio, ou sumaoúma merece attenção pela sua figura differente da das outras arvores. É uma das mais grossas, e maiores que nascem nas Antilhas. O tronco em cima e em baixo é muito parecido com o das outras arvores, porem no meio tem uma tal inchação, que dobra a grossura das duas extremidades, mas o que é mais singular são as suas raizes, que, sendo mui grossas descrevem semi-arcos, sahindo fóra da terra seis até oito pés ao redor do tronco; a ponta destas raizes se estende depois muito por todo o terreno visinho. O lenho desta planta é tão brando e macio que alguns lhe chamam *arvore queijo*; a natureza porem a armou de tantos grossos espinhos, que não fica impune quem se atreve a offende-la. Alem disto cresce rapidissimamente, e dá uma soberba folhagem digitada, e flôres bellissimas, ás quaes succedem fructos oblongos, quasi como pepinos, pontudos para a base, mais grossos para o cume, e que se abrem em cinco partes, quando estão maduros. Dentro destes fructos acham-se sementes que são pardas, do tamanho de pequenas ervilhas, e cobertas de um pêllo, ou especie de algodão finissimo, mas que é mui curto para se poder fiar. Isto porem não obsta a que o colham para encher almofadas, e colchões: mas é preciso todo o cuidado que lhe não chegue fogo, porque a menor faisca bastaria para o incendiar, e com tal rapidez, que não daria tempo para se apagar este ligeiro incendio, que póde tornar-se mais consideravel: é por isso que os indios se servem d'elle em lugar de isca. Dizem que os inglezes fazem com elle chapéus finos. — Neste genero entram as *paineiras* do Brasil.

Meio de excluir os gorgulhos e outros insectos dos grãos cereaes. — Embeber n'agua ou toldos ou lençoes de linho, espreme-os e estende-os depois assim molhados sobre o grão encelleirado: duas horas apenas passadas, se encontrarão os insectos pegados aos lençoes e toldos: é preciso então ir enrolando ou envolvendo os pannos com cuidado e destreza para os não deixar escapar; e seguidamente mergulhar tudo n'agua para afogar os insectos.

ESCUta mil vezes, e não falles mais que uma.

A VIDA sem sciencia é uma especie de morte. — Socrates.